

A rã encantada

Em tempos que já lá vão em que todo o desejo se cumpria, e que por desgraça já passaram, vivia um rei que tinha muitas filhas e todas muito formosas, porém a mais nova era tão bela que até o próprio sol ficava encantado quando lhe iluminava o rosto.

Perto do castelo havia uma grande selva com muito arvoredo e muita sombra e debaixo de uma velha tília, um poço. Nos dias de muito calor, a filha do rei sentava-se à borda do poço e quando queria brincar, agarrava uma bola de ouro e atirava-a várias vezes ao ar. Este era o jogo que mais a divertia.

Uma vez em que ela estava assim brincando, a bola em lugar de lhe cair nas mãos, foi a terra e rodou para a água.

A princesa seguiu-a com os olhos, mas a bola desapareceu e como o poço era muito fundo, inútil era tentar agarrá-la. Então começou a chorar perdidamente. De repente ouviu uma voz que lhe dizia:

“Que tens, filha de rei? Por que choras assim dessa maneira que até fazes entristecer as pedras?”

Olhou em redor para ver donde vinha a voz e viu uma rã espetando a sua nojenta cabeça fora da água.

“Ah! És tu, velha rã?” disse-lhe a menina. “Choro por causa da minha bola de ouro que me caiu ao poço.”

“Cala-te”, respondeu a rã, “eu vou ajudar-te, mas o que me dás em paga se eu trouxer o teu brinquedo?”

“O que quiseres, querida rã: os meus vestidos, as minhas pérolas e pedras preciosas, até mesmo a coroa de ouro que tenho na cabeça, tudo te darei com gosto.”

A rã respondeu:

“Não quero os teus vestidos, nem as tuas pérolas, nem as tuas pedras preciosas nem a tua coroa de ouro; mas se quiseres levar-me contigo, como amiga e companheira nos teus jogos, sentar-me à tua mesa, dares-me de comer no teu prato de ouro, de beber no teu copo e deitares-me no teu leito, então irei ao fundo do poço e trarei a bola de ouro.”

“Ah!” disse ela, “Prometo tudo o que quiseres se me trouxeres a minha bola.”

Mas dizia consigo:

“Que coisas pede esta pobre rã! Ela pode cantar na água entre as suas semelhantes, mas nunca poderá ser companheira de um ser humano.”

A rã, depois da menina lhe ter prometido o que ela pedia, meteu a cabeça na água, foi ao

fundo do poço e pouco depois tornou a aparecer, trazendo na boca a bola de ouro, que lançou para a erva.

A filha do rei, cheia de alegria ao ver o seu lindo brinquedo, apanhou-o e desatou a correr.

“Espera, espera! Gritou-lhe a rã. “Leva-me contigo; eu posso correr tanto como tu!”

Mas de nada lhe serviu gritar, porque a princesa não fazia caso; correu para casa e logo esqueceu a infeliz rã, que se viu obrigada a voltar para a sua vivenda.

No dia seguinte, quando a menina estava sentada à mesa com rei seu pai e os cortesãos, comendo no seu prato de ouro, ouviu qualquer barulho na escada de mármore do palácio. Nisto alguém bateu á porta e disse:

“Filha mais nova do rei, abre-me!”

A princesa levantou-se e foi ver quem batia; era a rã! Assim que a viu fechou a porta e correu e a sentar-se de nova à mesa, cheia de medo.

O rei notou a perturbação da sua filha e perguntou-lhe:

“O que tens, minha filha? Está á porta algum gigante que te venha buscar?”

“Ah! Não”, respondeu ela, “ não é um gigante, mas sim uma rã muito feia.”

“Mas o que te quer a rã?”

“Ai, meu querido pão! Ontem, quando eu estava no bosque brincando junto ao poço, caiu à água a minha bola de ouro. Comecei a chorar e a rã trouxe-ma depois de me ter feito prometer que seria a minha companheira; mas nunca pensei que ela pudesse deixar a água; afinal veio até aqui e quer entrar no palácio.”

Entretanto a rã chamava pela segunda vez, dizendo:

“Filha mais nova do rei, abre-me! Não sabes o que ontem me disseste junto ao poço? Filha mais nova do rei, abre-me!”

Então o rei disse:

“Deves cumprir o que prometeste; levanta-te e vai abrir a porta.”

Foi, abriu a porta e a rã entrou acompanhando a menina até a sua cadeira. Sentou-se no chão e disse:

“Levanta-me!”

A menina hesitou até que seu pai a mandou. A rã saltou da cadeira para a mesa e disse:

“Agora chega para bem perto de mim o teu prato de ouro para comermos juntas.”

A princesa cedeu, mas muito contrariada. A rã comeu muito mas a princesa não podia engolir nem um bocado.

Por fim a rã disse:

“Já estou farta e cansada; leva-me para o teu quarto, arranja a tua cama de seda para dormirmos!”

A filha do rei começou a chorar; tinha medo daquela rã que queria dormir na sua cama tão bonita e tão limpinha. Mas o rei observou-lhe:

“Não deves desprezar quem quiseste que te ajudasse quando te era preciso.”

Então ela agarrou na rã, com dois dedos, levou-a e pô-la num canto, e depois deitou-se. Daí a pouco a rã saltou para cima da cama, dizendo:

“Estou cansada. Quero dormir tão bem como tu; deita-me senão vou dizer a teu pai.”

A linda princesa ficou desesperada; agarrou a rã e atirou-a com toda a sua força à parede, dizendo:

“Agora descansarás, nojenta rã!”

mas a rã, ao cair no chão, converte-se num príncipe, e desde logo, pela vontade do rei, foi tido como futuro companheiro e esposa da princesa. O príncipe contou que tinha sido encontrado por uma feiticeira muito má, e que só a menina o podia ter tirado do poço e que o seu desejo era casar-se no dia seguinte e partirem juntos para o seu país.

De manhã esperava-os uma magnífica carruagem tirada por oito cavalos brancos, enfeitados com plumas na cabeça, e as rédeas era correntes de ouro. Atrás ia o jovem criado do príncipe, o fiel Henrique.

Este tinha-se apoquentado tanto quando o seu senhor se convertera em rã, que pôs três barras de ferro em cima do coração para que este, com a dor, não saltasse fora.

Instalaram-se na magnífica carruagem do jovem príncipe e o fiel Henrique colocou-se detrás dos noivos,... Ia tão cheio de alegria, por ver seu amo já salvo.

Já tinham percorrido bastante caminho quando o filho do rei ouviu qualquer barulho parecendo, parecendo-lhe que alguma coisa se tinha quebrado.

O príncipe voltou-se e disse:

“Henrique, aconteceu alguma coisa à carruagem?”

“Não senhor, à carruagem não aconteceu coisa alguma, mas quebrou-se uma das barras que eu tinha posto sobre o meu coração quando Vossa Alteza converteu-se em rã.”

Mais duas vezes, se ouviu o mesmo barulho. O príncipe pensava sempre que era a

carruagem que estalava, mas afinal eram as barras de ferro que se iam quebrando sobre o coração do fiel Henrique, pois o seu senhor era agora completamente feliz.

Fonte: TESOURO DA JUVENTUDE, vol.5, O Livro dos Contos

Aletria – Contos e Histórias